

## *Pinóquio de Del Toro: marionetes, filosofia e fascismo*

Murilo Bronzeri<sup>1</sup>



Cartaz do filme *Pinocchio* (2022)

*Pinóquio* por *Guillermo del Toro* é a nova maneira que o diretor mexicano encontrou de contar a história que se tornou clássica pela animação da Disney (*Pinocchio*, Hamilton Luske & Ben Sharpsteen. EUA, 1940). Dessa vez, o filme é feito em animação *stop motion* e distribuído pela Netflix. Além disso, é codirigido por Mark Gustafson. Sem aprofundar as comparações com as outras adaptações da história, uma diferença que se observa de imediato é que o filme de Del

<sup>1</sup> Murilo Bronzeri é Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi, e também é graduado em Rádio, TV e Internet pela mesma universidade. E-mail: [mubronzeri.mb@gmail.com](mailto:mubronzeri.mb@gmail.com)

Toro/Gustafson possui uma abordagem menos infantil: vê-se, já de início, uma trágica história de como o carpinteiro Geppetto perde seu filho, Carlo, e se afunda na depressão e no alcoolismo, até que um dia ele cria, a partir da árvore nascida da pinha perfeita que Carlo morreu tentando salvar, o boneco de madeira a quem dá o nome de *Pinóquio*.

O filme ainda traz outras singularidades, como as duas criaturas místicas, interpretadas por Tilda Swinton, que tomam o lugar da antiga fada madrinha. Porém, outra diferença perceptível, e que também revela uma abordagem mais adulta, é a ambientação do filme no contexto da Itália fascista. É até possível, agora, falarmos de uma trilogia antifascista de Guillermo Del Toro, já que, além desse filme, o diretor já abordou o tema em *O Labirinto do Fauno* (2007) e *A Espinha do Diabo* ( ), que se passam na Espanha de Franco. Além do próprio Geppetto reprovar a guerra, outro ponto da crítica ao fascismo presente na animação é a apresentação musical de Pinóquio a Benito Mussolini (um dos personagens da história), em uma passagem que ridiculariza a patacoada fascista.

Mas *Pinóquio por Del Toro* também traz reflexões existenciais, por meio das quais medita sobre a vida e a morte, já que o boneco-menino, nessa versão, pode morrer e também renascer quantas vezes quiser, desde que espere um tempo que aumenta pouco a pouco a cada experiência de morte. No entanto, como nos lembra muito bem a personagem mística de Tilda Swinton, viver para sempre significaria que Pinóquio veria a todos que ama morrerem – e é exatamente a perspectiva da morte que traz o sentido para a vida humana na Terra.

Os pontos positivos do filme não param por aí. O visual também é belamente construído, em uma mistura de CGI e *stop motion*, sem deixar de trazer o que Del Toro sempre fez com maestria: explorar elementos de horror, o bizarro, o feio, o estranho. E sempre com incrível sensibilidade. O elenco também merece um comentário à parte. Além de Tilda Swinton, a obra conta ainda com os talentos de Gregory Mann, Ewan McGregor, David Bradley, Christoph Waltz, Ron Perlman, Finn Wolfhard, Cate Blanchett, Burn Gorman, John Turturro, Tim Blake Nelson e Tom Kenny.

Em suma, *Pinóquio por Del Toro* é uma obra-prima. O filme reinventa uma história clássica, imprimindo elementos autorais do diretor, com o esmero característico de sua filmografia. Triste para a Disney, que lançou sua versão em *live action* de *Pinóquio* no mesmo ano (*Pinocchio*, Robert Zemeckis, EUA, 2022). Isso porque o filme de Robert Zemeckis, não obstante o talento do diretor, não chega aos pés da criação de Del Toro.

### Ficha técnica

Título: *Pinóquio por Guillermo del Toro*

Ano: 2022

Duração: 117 minutos

Direção: Guillermo del Toro; Mark Gustafson

Roteiro: Guillermo del Toro; Patrick McHale; Carlo Collodi